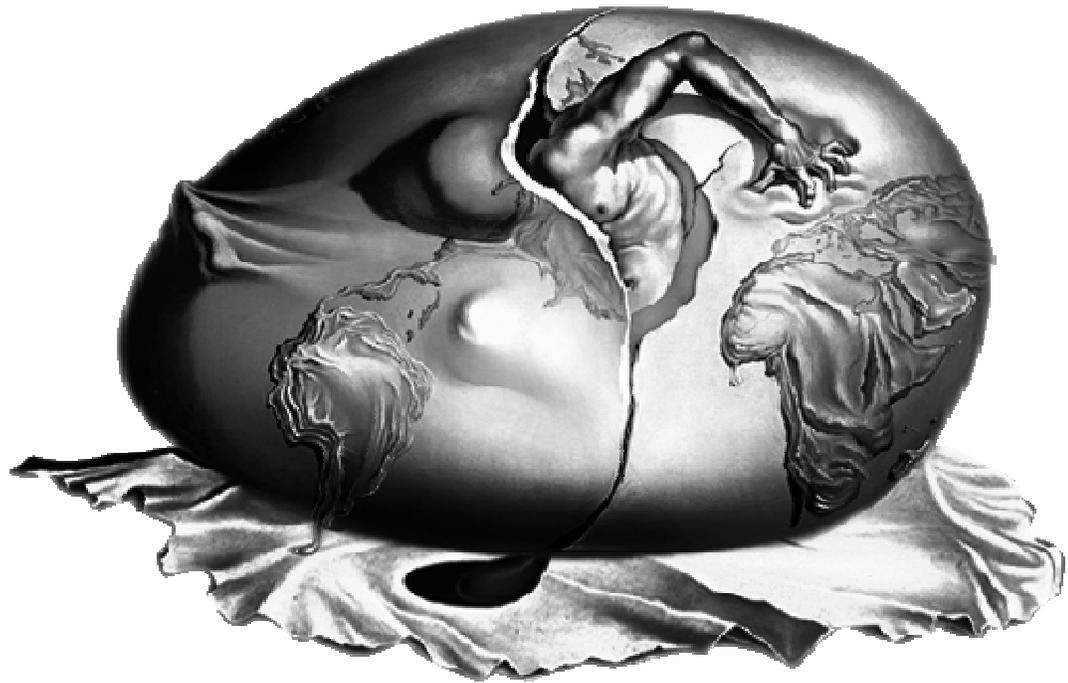


BOLETIM ***PRESENÇA***
ANO II, nº 06, 1995



UNIR

CULTURA E SOCIEDADE

ARNEIDE BANDEIRA CEMIN *

Resumo

O primeiro conjunto de respostas a estas questões foi denominado evolucionismo. No campo da antropologia física, o evolucionismo. No campo da antropologia física, o evolucionismo localiza a origem do homem como descendente evolutivo de um ramo dos antropóides. Na Antropologia social, no âmbito do (*paradma*) **paradigma** evolucionista, a cultura e a sociedade são vistas como um conjunto unitário, ainda que subdividido em estágios, incluso em um movimento global de progressão lenta e contínua da espécie humana no plano cultural. A teoria evolucionista objetiva reconstruir uma história universal destacando as etapas das transformações que procedem umas das outras num encadeamento lógico.

Palavras-Chave: Paradigma, Homem e Antropologia Social.

Abstract

The first group of answers the these subjects evolutionism was denominated. In the field of the physical anthropology, the evolutionism. In the field of the physical anthropology, the evolutionism locates the man's origin as descending evolutionary of a branch of the anthropoid ones. In the social Anthropology, in the ambit of the (*paradma*) paradigm evolucionista, the culture and the society are seen as an unitary group, although subdivided in apprenticeships, included in a global movement of slow and continuous progression of the human species in the cultural plan. The theory evolucionista aims at to reconstruct an universal history the stages of the transformations that proceed some of the other ones in a logical linkage highlighting.

Key-Words: Paradigm, Man and Social Anthropology.

Uma das características dos paradigmas em ciências sociais, é que eles, uma vez "esgotado" seu poder explicativo, não são totalmente abandonados. Ao contrário, eles parecem apenas arrefecer por períodos, em contraposição com outros paradigmas, ressurgindo redescobertos ou reelaborados. Sendo comum, a convivência de diferentes paradigmas e de variantes explicativas no interior de cada um deles.

Esse conjunto de questões dificulta a visibilidade e a compreensão das formas pelas quais as idéias que postulamos ou rejeitamos chegaram a se constituir. Acrescente-se o fato de as fontes dos pressupostos fundamentais das ciências sociais serem extremamente diversificadas. Decorrendo daí, uma complexidade que imbrica origens filosóficas, e conclusões advindas de pesquisas em diferentes áreas das ciências naturais, tais como a zoologia, a geologia, a paleontologia e a biologia; e ainda, contribuições das diversas ciências sociais: arqueologia, lingüística e história.

Diante dessa complexidade, o recurso mais frequente são os "recortes" estabelecidos pelos estudiosos. A cada "recorte" corresponde uma "imagem", de modo que nos sentimos frente a um "caleidoscópio" que conta ainda com outro agravante: as tentativas de síntese não primam pela unificação dos termos.

Mesmo assim, poderíamos dizer, que inicialmente a antropologia clássica esteve diretamente envolvida com questões referentes à natureza da cultura e da sociedade humana. Nesta etapa, século XIX, o problema das origens assume a centralidade dos debates. Consideraremos como representativos desta fase, Morgan e Tylor.

A questão da origem articula problemas pertinentes às ciências naturais e sociais. O avanço das pesquisas nestes dois ramos da ciência contribuiu para a definição e o fundamento das subdivisões que deram origem à multiplicidade de ciências no interior de ambos os núcleos - o natural e o social.

Esse movimento de constituição das ciências, em sua acepção moderna, vem ocorrendo a partir do século XVII, tendo atingido no século XIX, o estágio constitutivo com o qual trabalhamos atualmente.

A antropologia é suscetível de ser influenciada pelo imbricamento entre as ciências naturais e sociais. Isto porque, ao tomar o homem como objeto de

investigação, não pode dissociar de forma radical, os parâmetros biológicos da existência humana dos seus condicionantes sociais.

Por outro lado, as indagações próprias à ambos os campos da ciência caminharam paralelas ou interrelacionadas. Assim, as indagações acerca da antiguidade geológica transcorreram juntas às questões sobre a antiguidade do homem como habitante da terra. Ao mesmo tempo, a problemática sobre a origem física do homem acompanha as investigações sobre a origem da sociedade e da cultura, e das formas pelas quais elas evoluem.

O primeiro conjunto de respostas a estas questões foi denominado evolucionismo. No campo da antropologia física, o evolucionismo localiza a origem do homem como descendente evolutivo de um ramo dos antropóides. Na Antropologia social, no âmbito do (*paradma*) **paradigma** evolucionista, a cultura e a sociedade são vistas como um conjunto unitário, ainda que subdividido em estágios, incluso em um movimento global de progressão lenta e contínua da espécie humana no plano cultural. A teoria evolucionista objetiva reconstruir uma história universal destacando as etapas das transformações que procedem umas das outras num encadeamento lógico.

Em oposição ao evolucionismos e sua tentativa de sínteses históricas, baseadas em conjecturas surge com BOAS o particularismo histórico, e com MALINOWSKI E RADCLIFFE-BROWN a escola funcionalista. Assim, se em sua base evolucionista, a Antropologia Clássica, representada por TAYLOR e MORGAM, esteve mais preocupada com as questões referentes à natureza da cultura e da sociedade humana, sua origem e evolução; com BOAS e MALINOWSKI, as investigações passam a indagar sobre como opera a cultura nas diferentes sociedades humana. Como indica DURHAM (1978), Malinowski reconhece que é impossível apreender a emergência da cultura em sua origem: **“É necessário partir do reconhecimento de que as principais categorias da cultura devem ter estado interrelacionadas e operando simultaneamente desde o início. Elas não podiam ter se originado uma após outra e não podem ser colocadas numa sequência temporal”**. (Malinowski *apud* Durham, 1978:105).

Neste artigo, nos deteremos no segundo momento da Antropologia Clássica, tentando apreender o conceito de cultura e de sociedade a partir de BOAS, Malinowski e Radcliffe-Brown. De BOAS, utilizaremos o texto "*The Limitations of the Comparative Method of Anthropology*", de Radcliffe-Brown, o ensaio "Do Conceito de Função nas Ciências Sociais" e o discurso presidencial proferido pelo *Royal Anthropological Institute*, intitulado: "Da Estrutura Social". De Malinowski, fazemos uso do texto "A Teoria Funcional" e de dois estudos feitos por Durham sobre Malinowski: "Uma Nova Visão da Antropologia" e "A Reconstituição da Realidade: um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski".

FRANZ BOAS (1858-1942)

BOAS aceita o pressuposto da "unidade psíquica" do gênero humano e formula duas indagações acerca das idéias universais: qual a sua origem e como elas se afirmaram em várias culturas. Começa pela segunda indagação, afirmando que as idéias variam de sociedade para sociedade e que as causas das variações são externas - ambientais, e internas - psicológicas. Os fatores internos e externos constituem um grupo de "leis" que governam o desenvolvimento da cultura. Devendo o antropólogo mostrar como os fatores internos e externos modificam as idéias elementares e universais pré-existentes.

Quanto à questão da origem das idéias universais, BOAS reconhece ser este o problema mais difícil para a antropologia. Salienta que o ponto de vista, segundo o qual, um fenômeno etnológico que tenha se desenvolvido independentemente em vários lugares, teria tido o mesmo desenvolvimento em todos eles, conduziu à assertiva de que esses mesmos fenômenos são sempre devidos às mesmas causas, e ainda à generalização mais ampla de que a identidade dos fenômenos em diferentes regiões seja a prova de que a mente humana obedeça as mesmas leis em todos os lugares.

Frente à unilinearidade das causas para o desenvolvimento da cultura, BOAS afirma a multilinearidade das causas históricas, e formula o pressuposto de que os mesmos fenômenos podem ter se desenvolvido de uma multiplicidade de causas. Para fundamentar seu argumento, retira exemplos das conclusões

etnológicas referentes à organização totêmica das sociedades primitivas, aos desenhos geométricos na arte dessas sociedades e ao uso que fazem das máscaras. Mostra que o mesmo fenômeno pode se desenvolver a partir de várias fontes, ou ter significados diferentes, dependendo do local.

BOAS formula ainda, o princípio de que antes da comparação, a comparatividade do material deve ser comprovada. Se o método comparativo anterior a BOAS isolava e classificava traços culturais abstraídos de seus contextos ambientais e históricos; e, a partir das evidências de similaridade construía um esquema universal de desenvolvimento cultural, tratando as diferenças como recuos ou avanços no interior do grande sistema, a partir de BOAS coloca-se a necessidade de que as comparações se restrinjam aos fenômenos comprovadamente originados das mesmas causas.

BOAS aceita a existência de "certas" leis governando o desenvolvimento da cultura humana, e reconhece como necessária a investigação que vise descobrir estas leis. Mas, formula, como objeto da pesquisa antropológica, a descoberta dos processos pelos quais certos estágios da cultura se desenvolveram. Pretende que se descubra a história do desenvolvimento dos costumes e das crenças, e a razão porque tais costumes e crenças existem.

Para concretizar este objetivo, BOAS define que o método etnológico deve fazer o estudo detalhado dos costumes, em suas relações com a cultura total da tribo que os pratica, conectando-os à uma investigação da distribuição geográfica deste costume entre outras tribos. O resultado da aplicação deste método, segundo BOAS, permitiria revelar as condições ambientais que criaram ou modificaram os elementos culturais; esclarecer os fatores psicológicos que contribuíram para a formação da cultura, e nos conduzir para a descoberta dos efeitos que as conexões históricas tiveram sobre o desenvolvimento da cultura.

BOAS recomenda que a aplicação do método deve se basear num pequeno território geográfico bem definido, e que as comparações não sejam estendidas para além dos limites da área cultural que serviram de base para o estudo. Deste modo, BOAS propõe uma história comparada de culturas locais. Ao invés de partir da hipótese de um processo de desenvolvimento, deve-se comparar histórias reais para obter leis gerais, abandonando o vão propósito de construir uma história sistemática e uniforme da evolução da cultura.

O "particularismo histórico" de BOAS, define que cada grupo social tem a sua própria história singular, que depende em parte do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e em parte das influências externas a que ele esteve sujeito.

RADCLIFFE-BROWN (1881-1955)

Com Radcliffe-Brown e Malinowski, o interesse da pesquisa desloca-se do passado para o presente. Em vez de reconstituições históricas, propõe-se captar a realidade cultural e social na sua estrutura e função. O pressuposto fundamental no qual se baseia o pensamento de Radcliffe-Brown, considera a antropologia social como similar às ciências naturais. Sustenta que a tarefa da antropologia deve ser a de descobrir e enunciar as leis gerais que regem as relações e os dinamismos dos fatos sociais. Utiliza o método comparativo e considera que a antropologia é uma sociologia comparada. Seu esquema teórico é composto por quatro conceitos básicos: significado, processo, estrutura e função.

O conceito de significado, diz respeito aos sentimentos e se expressa por suas associações com um sistema de idéias. O significado deve explicar o costume e as razões que os nativos dão para praticá-lo. A sociedade depende dos sistemas de sentimento para regular a conduta dos indivíduos de acordo com suas necessidades. Estes sentimentos não são inatos, mas sim, desenvolvidos no indivíduo pela ação da sociedade sobre ele. A expressão coletiva do sentimento serve para dar continuidade à sua existência na mente dos sujeitos e para transmiti-lo de uma geração para outra.

O processo social é a realidade concreta que o antropólogo deve observar, descrever, comparar e classificar. O processo social consiste numa multiplicidade de ações e interações dos seres humanos agindo como indivíduos ou coletividades. É o processo social que evidencia o caráter dinâmico dos fatos sociais e das suas transformações.

A estrutura, afirma Radcliffe-Brown, refere-se a qualquer forma de sistematização ordenada de partes ou componentes. Os componentes, ou

unidades de estrutura social são as pessoas. E uma pessoa, deve ser considerada como detentora de uma posição na estrutura social. Define a estrutura social como referida a uma sistematização de pessoas, cujas relações são ordenadas e definidas institucionalmente.

No estudo dos fenômenos sociais, o que se deve considerar são as relações e as formas de associação entre os organismos individuais. Considera como fazendo parte da estrutura social, todas as relações sociais que existem entre duas pessoas. Como por exemplo, a relação diádica pai e filho ou irmão da mãe de um homem, que tecem as redes de parentesco. Inclui ainda, a diferenciação que se estabelece entre indivíduos e classes por meio de seu papel social. O que interessa é o conjunto de relações apreendidas num dado momento.

Radcliffe-Brown distingue a estrutura em dois níveis - observação e descrição. Diferencia ainda, a estrutura em si, que é mutável, e portanto passível de modificações com o transcorrer do tempo; da forma estrutural, que em geral permanece constante, e diz respeito aos tipos de relações observáveis.

A estrutura social contém um aspecto espacial, definido empiricamente do ponto de vista territorial e estrutural, como sendo a rede de relações que ligam seus habitantes entre si, e à pessoas de outras regiões. Contém ainda, uma dimensão que se define pela forma de associação entre os indivíduos, mediada pelos papéis sociais.

O papel social, constitui a "personalidade social" que permite diferenciar a noção de indivíduo, enquanto organismo biológico, da noção de pessoa, referida a um complexo de relacionamentos sociais mutáveis ao longo da vida pessoal.

Quanto ao conceito de função, Radcliffe-Brown, concebe-o como sendo o funcionamento da estrutura. Para ele, equivale dizer a sua atividade, o seu papel. A função é a contribuição que uma atividade parcial tem no que diz respeito à atividade global de que faz parte. A noção de função remete à idéia de sistema social, composto por unidades funcionais, que ele define como sendo uma condição de harmonia e coesão interna, na qual todos os componentes do sistema social trabalham juntos. Nesta hipótese, os conflitos, quando surgem, são resolvidos no interior do próprio sistema.

Para Radcliffe-Brown, o objeto da antropologia social é a totalidade da vida social, enquanto unidade funcional. Afirma que os costumes de uma sociedade funcionam, isto é, produzem efeitos na vida social, através do pensamento, sentimento e ação dos indivíduos.

A hipótese da unidade funcional dos sistemas sociais concebe a sociedade e a cultura como uma totalidade interrelacionada. O estudo da cultura é descritivo dos padrões de comportamento caracterizados pelo pensamento, pelo sentimento e pela ação. Os padrões culturais são constituídos por três aspectos: série de regras, com função de ajustamento; símbolos comuns, que padronizam os significados e permitem a comunicação que possibilita o ajustamento; e finalmente, uma série comum de maneiras de sentir e de pensar que reúne ajustadamente os indivíduos num sistema social.

O conceito de sociedade engloba o de cultura, uma vez que a cultura é vista como característica de um sistema social e a sociedade é definida como um sistema social mais amplo. O autor isola do conceito de cultura os objetos materiais e contrapõe-se a idéia de que a cultura afeta ou age sobre os indivíduos. Considera que os indivíduos estão sujeitos aos atos de outras pessoas e não aos atos da cultura. A cultura não é uma reificação. Não atua, não age. Quem age são as pessoas.

São as relações sociais constituídas por regras, símbolos e significados, que em funcionamento, constituem sistemas, estruturas, cuja totalidade pode ser observada e reconstituída pelo investigador. Este, partindo da hipótese de que a sociedade e a cultura formam sistemas, devem identificar quais são as suas unidades constitutivas e que tipos de relações são mantidos entre essas unidades.

BRONISLAW MALINOWSKI (1884-1942)

Malinowski, ao tentar formular uma teoria científica da cultura, parte da explicitação da teoria funcionalista, que segundo ele, procura dar conta da natureza dos fenômenos culturais.

Mantendo a defesa da descoberta de generalizações de validade universal, Malinowski rejeita especulações e formula indagações básicas que devem preceder as investigações.

Questões que remetem para a identificação da natureza dos fenômenos culturais, o método para tratá-los e a possibilidade de construção de teorias válidas para a diversidade de costumes nas sociedades humanas. Sintetiza esse conjunto de problemas nas seguintes indagações: qual é a natureza, a realidade das instituições sociais? De que maneira os costumes institucionalizados podem ser tratados indutivamente, e ainda assim, alcançar generalizações válidas? Existe algum esquema universalmente válido, que possa ser útil para a condução das pesquisas de campo e ao mesmo tempo, sirva como referência aos estudos comparativos - históricos, evolutivos ou difusionistas?

Nas conclusões do texto "A Teoria Funcional", no qual formula esta problemática, Malinowski afirma que a teoria funcionalista em sua versão pessoal, dá conta de todo esse questionamento. Sintetizando seus pressupostos teóricos, ele afirma ser possível relacionar os vários tipos de respostas culturais ao sistema de necessidades biológicas básicas. Das quais, decorrem às necessidades derivadas e integradoras. Assegura ainda, que a teoria funcional, ao ser capaz de produzir análises específicas das culturas, fornece ao investigador instruções claras e completas quanto ao que deve ser observado e como deve ser registrado.

Malinowski faz decorrer das necessidades biológicas, soluções culturais capazes de satisfazê-las. Para cada tipo de necessidade fundamental, biológica, corresponde necessidades derivadas e organizativas. Essa tentativa de construção de um quadro geral para a interpretação da cultura tem sido criticada em seu fundamento por produzir um "reducionismo biologizante, que se prolonga frequentemente num utilitarismo simplista." (Durham,1986:16). Na introdução à coletânea que organizou sobre Malinowski (op. cit.), Durham indica, que ao tentar resolver o problema entre o geral e o particular, Malinowski produziu àquilo que a autora chamou de contradição entre a complexidade da descrição etnográfica e o simplismo de certas concepções teóricas (Ibid., p.7).

Ao elaborar a teoria das necessidades básicas e universais, das quais derivam necessidades atendidas por respostas culturais diversas, Malinowski procura dar conta, ao mesmo tempo, da universalidade da cultura e da particularidade das culturas (Ibid.,p.16). Durham assinala, que esse deslocamento do particular ao geral, provocou o empobrecimento do conceito de cultura na obra de Malinowski.

O conceito de cultura em Malinowski é construído em relação ao conceito de função. Ao explicitar os pressupostos gerais do funcionalismo, o autor lança as bases para o estudo da cultura assim definida: A cultura é um aparato instrumental; é um sistema de objetos e atitudes; é uma totalidade formada por elementos interdependentes; os diversos aspectos dessa totalidade estão organizados em torno de tarefas importantes e vitais.

Considera a cultura como um processo organizado em três dimensões: o aparato material da cultura - artefatos, grupos organizados e o simbolismo. Relaciona a forma dos processos culturais às funções, indicando que essa relação remete ao elemento humano.

Ao indagar sobre o que é forma e o que é função na realidade sociológica, Malinowski enfatiza dois pontos teóricos. O primeiro, informa que não é possível diferenciar claramente forma e função. O segundo, esclarece que não dá para separar o aspecto material do comportamento social, isto é, dos aspectos simbólicos, dada a interrelação das três dimensões da realidade cultural.

Ao tratar do aspecto simbólico, indaga sobre a relação entre forma e função no simbolismo. Indica que a função da forma no simbolismo é catalisar um estímulo que libera respostas condicionadas culturalmente: "O símbolo é o estímulo condicionado que se liga a uma resposta no comportamento apenas através do processo de condicionamento."(Malinowski,op.cit.,p.174). Ao observar o processo de condicionamento, o pesquisador em campo, deve considerar o "contexto da situação formativa", pois é este contexto que permite perceber a relação entre a função de um ato simbólico e os processos físicos que o relacionam à causas biológicas.

Ao definir o conceito de função no tópico "Abordagem Preliminar do Funcionalismo", indica que a funcionalidade do funcionalismo pode ser melhor

demonstrada através de uma referência concreta e observável, "mostrando que as instituições humanas - tanto quanto as atividades parciais dentro delas - estão relacionadas às necessidades primárias, isto é, biológicas, e às necessidades derivadas, ou seja, culturais."(Ibid., p.,177).

Ao formular a teoria das necessidades, Malinowski propõe dois axiomas que permitam alcançar uma definição mais precisa do conceito de função. Primeiro, toda cultura deve satisfazer o sistema de necessidades biológicas. Segundo, "toda valorização cultural que implica o uso de artefatos e de simbolismo constituiria uma valorização instrumental da anatomia humana, referindo-se, direta ou indiretamente, à satisfação de uma necessidade corporal."(op. cit.,p.185).

Ao satisfazer necessidades físicas, o homem produz necessidades derivadas que passam a constituir o que denominamos cultura. Malinowski, faz surgir de um determinismo biológico um determinismo cultural intimamente ligado e dependente da necessidade biológica. Deste modo, a cultura nas três dimensões definidas pelo autor - artefatos, laços sociais (modos padronizados de comportamento) e atos simbólicos (influência de um organismo sobre o outro através de estímulos reflexos condicionados) - tem em sua origem uma causalidade pragmática e instrumental.

Segundo Malinowski, o conceito de instituição, enquanto expressão dos sistemas organizados de atividade humana, constituem "isolados naturais" que devem fundamentar a análise cultural. A instituição, ou seja, os isolados naturais ou funcionais, são reconhecíveis por sua estrutura válida universalmente, que permite identificar os seus fatores e os seus contornos, ou seja, os tipos.

Apesar deste ensaio de sistematização teórica, Malinowski reconhece nas conclusões do texto, que não possuímos uma resposta satisfatória para o problema do estudo dos fenômenos culturais, enquanto integrados em isolados naturais de atividades organizadas (Ibid.,p.187).

Durham (1978:175), indica que "a importância central do conceito de instituição de Malinowski está na sua concepção da estrutura deste isolado". E mais adiante, depois de observar que o conceito de instituição em Malinowski abrange as três dimensões que segundo ele compõem o conceito de cultura, a autora acrescenta que "conservando a multidimensionalidade da realidade, o

conceito de instituição vincula-se à recusa que Malinowski sempre manifestou em dissociar a cultura da sociedade" (Ibid.,p.,175). Ao discutir o conceito de função a autora mostra como a cultura passa a ser concebida como um conjunto de instituições, com o conceito de função servindo de instrumental para a classificação das instituições em tipos universais (Ibid.,p.,179).

Durham indica ainda, que ao final de sua obra, Malinowski formula dois tipos de análise que ele jamais conciliou: institucional e funcional (Ibid.p,181). A primeira, referida às necessidades do organismo, e a segunda, aos princípios do comportamento organizado. Em ambos os tipos de análise, Malinowski procurou um universal que fosse concreto (p.182).

Deste modo, as limitações da teoria de Malinowski para a interpretação da cultura, contrastam com a importância de sua contribuição para a análise da cultura em particular, e para a construção do olhar etnográfico. Em minucioso estudo sobre o procedimento analítico adotado por Malinowski na manipulação e ordenação dos dados empíricos, Durham realizou um duplo movimento: de crítica e de recuperação da relevância da obra de Malinowski para o estudo da cultura e da sociedade.

Concluindo sua pesquisa sobre Malinowski, a autora compara a teoria Malinowskiana a um mito: " Verdadeiro mito antropológico, não explica nem expressa o procedimento interpretativo efetivamente empregado na análise etnográfica, mas constitui a tentativa impossível de um empiricista irredutível de encontrar um geral que seja concreto. Atrás dela se esconde o problema fundamental que levantou e que é necessário recuperar: a apreensão do movimento através do qual uma sociedade se concretiza no comportamento dos homens."(p.,182).

BIBLIOGRAFIA

BOAS, Franz. The Limitations of the Comparative Method of Anthropology. In: **Race, Language And Culture**. The Free Press, New York e Collier-Macmillan Limited, London,1966.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Reconstituição da Realidade**: um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski. São Paulo, Ática, 1978.

Uma Nova Visão da Antropologia. In: **Malinowski**.
Coletânea organizada por Durham, E. R.. São Paulo, Ática, 1986. (Coleção
Grandes Cientistas Sociais, n. 55).

MALINOWSKI, Bronislaw. A Teoria funcional. In: **Malinowski**. Coletânea
organizada por Durham, E. R. São Paulo, Ática, 1986 (Coleção Grandes
Cientistas Sociais, No. 55).

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e Função nas Sociedades
Primitivas**. São Paulo, Edições 70, 1984.

***Profª. Ms. - Departamento de Filosofia e Sociologia**
Pesquisadora do Centro do Imaginário Social